

SUDOESTE DO PARANÁ: MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA, REDUÇÃO DA MÃO-DE-OBRA OCUPADA NO SETOR PRIMÁRIO E O CRESCIMENTO DAS OCUPAÇÕES NOS SETORES SECUNDÁRIO E TERCIÁRIO¹

Edson Luiz Flores – Unioeste
edsonflores5@yahoo.com.br

Márcio Freitas Eduardo – Unesp
marciofreitaseduardo@yahoo.com.br

O Sudoeste do Paraná começou a ser ocupado a partir das primeiras décadas do século XX, em geral, por agricultores e pequenos comerciantes que vieram principalmente dos Estados de Rio Grande do Sul e Santa Catarina (Wachowicz, 1985). A economia do Sudoeste paranaense até 1960, praticamente, dependia da agricultura (policultura) e da criação de pequenos, médios e grandes animais (galinhas, porcos, bovinos etc.), desenvolvida, em geral, em pequenas propriedades rurais e com base no trabalho familiar (Alves, et al, 2004). Depois de 1970, observamos algumas transformações que passaram a ocorrer no campo, tais como nas técnicas usadas no cultivo agrícola, na composição da mão-de-obra utilizada e no direcionamento que a produção agropecuária passou a ter, destinando-se ao mercado (uma produção mercantil). Paralelo às transformações na agricultura, observa-se a importância que a indústria e os serviços passam a ter quanto à geração de empregos (destacamos o número de pessoas ocupadas). Objetivamos, sucintamente, analisar o processo de modernização da agricultura no Sudoeste do Paraná, especialmente no que se refere à mecanização da agricultura; na substituição de culturas agrícolas tradicionais por outras voltadas ao mercado; bem como analisar a “liberação” da mão-de-obra, antes ocupada na agricultura para outras atividades (indústria, comércio e serviços). Para a realização de tal estudo, partimos da análise de dados disponibilizados pelos censos agropecuários e censos demográficos do IBGE, bem como pela “articulação” desses dados com o entendimento de autores, tais como Karl Marx, Vladimir Lênin, Karl Kautsky, José Graziano da Silva, Paul Singer, Ariovaldo U. de Oliveira, entre outros.

Do campo para a cidade

Quando observamos a evolução do número de habitantes do Sudoeste do Paraná, verificamos uma diminuição da população rural e um aumento da população urbana no período de 1970 a 2000. A população total aumentou de 1970 até 1980 (passando de 434.324 a 521.477 pessoas), enquanto ocorreu uma diminuição a partir de 1980 (de 521.477 em 1980 para 472.626 no ano de 2000). Enquanto a população urbana teve um aumento numérico e percentual de 1970 a 2000 (de 77.597 ou 17,87% em 1970 para 283.004, o que equivale a 59,88% no ano de 2000), a população rural diminuiu de 356.727 (que equivalia a 82,13% da população total em 1970) para 189.622, o representava apenas 40,12% do total em 2000. Em outras palavras, houve uma diminuição absoluta e relativa da população rural e um aumento, também absoluto e relativo da população urbana (observe a tabela 1).

¹ Quando usamos os termos: setor primário, secundário e terciário da economia, fazemos apenas para facilitar a utilização dos dados e conceitos do IBGE.

TABELA 1 – Evolução da população total, urbana e rural do Sudoeste do Paraná (1970-2000).

Ano	Total	Urbana		Rural	
		n.	%	n.	%
1970	434.324	77.597	17,87	356.727	82,13
1980	521.477	174.492	33,46	346.985	66,54
1991	478.126	225.666	47,20	252.460	52,80
2000	472.626	283.004	59,88	189.622	40,12

Fonte: IBGE/Censos demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000.

De acordo com Kautsky (1986, p. 197), “as relações econômicas que unem a cidade ao campo são por demais estreitas, o que não permite evitar que a população rural caia em tentação de ir para a cidade”. Se tal processo de liberação de parte da população do campo para a cidade é possível, como aponta Kautsky, há de se analisar os fatores que atraíam os fluxos migratórios para as cidades, bem como os que “expulsem” parte da população do campo. Quando analisamos a estrutura fundiária do Sudoeste paranaense, observamos que ocorreu um aumento na porcentagem de estabelecimentos com áreas inferiores a 10 hectares, enquanto ocorreu uma diminuição na quantidade de estabelecimentos com áreas entre 10 e 100 hectares no período de 1970 a 1980 (observe a tabela 2).

TABELA 2 – Evolução dos estabelecimentos agropecuários e da área ocupada, por grupos de área total no Sudoeste do Paraná (1970-1995/96).

Grupo de área total (ha)	Estabelecimentos agropecuários (%)					
	1970		1980		1995/96	
	Estab.	Área	Estab.	Área	Estab.	Área
Menos de 5	19,7	3,39	24,02	3,95	19,6	2,93
5 a menos de 10	20,39	7,72	23,53	9,38	23,6	8,25
10 a menos de 20	28,74	20,38	27,25	20,76	28,44	18,88
20 a menos de 50	25,32	37,36	19,61	31,06	20,62	28,07
50 a menos de 100	4,46	14,91	3,91	14,13	5,00	14,46
100 a menos de 200	0,97	6,33	1,11	7,93	1,79	10,37
200 a menos de 500	0,34	4,95	0,38	5,84	0,79	10,71
500 a menos de 1000	0,05	1,62	0,08	2,9	0,13	4,28
1000 a menos de 2000	0,02	1,44	0,02	1,72	0,02	1,36
2000 a menos de 5000	0,01	0,69	0,01	1,72	0,01	0,69
5000 ou mais	0,00	1,21	0,01	0,61	-	-
Sem declaração	-	-	0,07	0,00	-	-
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: IBGE/Censos agropecuários de 1970, 1980 e 1995/96.

De forma geral, não se observa alterações na estrutura fundiária neste período, embora, ocorrendo um relativo aumento na área dos estabelecimentos acima de 100 hectares a partir de 1980. Como pode ser observado na tabela 2, em 1995/96, 43,20% dos estabelecimentos – com áreas inferiores a 10 hectares – controlavam apenas 11,18% da área agrícola, enquanto que apenas 2,74% dos estabelecimentos – com áreas acima dos 100 hectares – controlavam 27,41% da área total. Não parece estar ocorrendo no Sudoeste paranaense uma concentração de terra, pelo menos, não uma grande concentração como ocorre em algumas partes do país, como nos ensina Oliveira (2002). Quando analisamos a evolução da população ocupada por setores da economia, observamos, por um lado, a diminuição da população ocupada em atividades agrícolas e de outro o aumento da população em atividades da indústria e dos serviços. Observe a tabela 3:

TABELA 3 – Evolução do número e do percentual de pessoas de 10 anos e mais de idade ocupadas por setores da economia no Sudoeste do Paraná (1970-2000).

Ano	Setores da economia						Total de pessoas ocupadas
	Primário*		Secundário**		Terciário***		
	n.	%	n.	%	n.	%	
1970	127.470	82,73	8.186	5,31	18.423	11,96	154.079
1980	128.254	64,77	21.939	11,08	47.809	24,15	198.002
1991	119.192	55,43	26.623	12,38	69.203	32,19	215.018
2000	92.193	41,41	43.162	19,39	87.280	39,20	222.635

Fonte: IBGE/Censos demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000.

* Se refere às atividades agropecuárias, caça, pesca e extrativismo; ** refere-se à indústria da transformação, extrativistas, da energia e da construção civil e *** se refere ao comércio de mercadorias, prestação de serviços, funcionalismo público e à militares.

No setor primário tem-se uma redução da população ocupada acima de 10 anos de idade. Em 1970, tinha-se 127.470 pessoas ocupadas, o que representava 82,73% do total, mas estes números caíram, respectivamente, para 92.193 e 41.41 no ano de 2000. Por outro lado, tem-se um aumento das pessoas ocupadas na indústria e no setor terciário, o que faz com que a população ocupada (total) também aumente constantemente neste período. Segundo Marx (1984), na indústria inglesa, num primeiro momento, se teve uma grande demanda por mão-de-obra, o que determinaria a expulsão de parte da população camponesa, o que por um lado separaria os camponeses da terra – deixando-a livre para a criação de ovelhas (matéria prima da indústria têxtil) – e por outro, “lançaria” nas cidades um contingente de pessoas desprovidas de meios de produção, que para se reproduzirem teriam que vender aos novos proprietários dos meios de produção (a burguesia industrial) a única “mercadoria” que lhe restava (a capacidade de trabalhar). Forma-se assim, um “exército industrial”. Com o aperfeiçoamento da maquinaria, há uma redução relativa dos postos de trabalho, em outras palavras, as máquinas substituem parte do trabalho ativo, *trabalho vivo*, por trabalho objetivado, *trabalho pretérito*. Porém, tal substituição não impede que a população ocupada na indústria aumente absolutamente (em números), devido ao aumento da produção, devido à

inversão de capital. Já na agricultura a maquinaria reduz postos de trabalho que somente serão “recriados” se houver aumento da área cultivada.

Modernização na Agricultura

Em *Capitalismo e agricultura nos Estados Unidos da América*, Lênin (1980), diz que mesmo numa estrutura fundiária com pequenos estabelecimentos rurais, pode-se ter uma grande produção a partir da inversão de capital adicional (mais capital numa mesma atividade). Tal consideração nos obriga analisarmos outros fatores, além da estrutura fundiária, para abordarmos os efeitos da modernização da agricultura, pois o capitalismo na agricultura se vale de formas específicas, diferentes das que aparecem na indústria. Um fator que indica um processo de modernização da agricultura e que poderia estar liberando parte da mão-de-obra, antes ocupada no campo para atividades não-agrícolas (principalmente das atividades dos setores secundário e terciário) é a introdução de máquinas na produção agrícola, como é o caso dos tratores agrícolas (Analisemos a tabela 4).

TABELA 4 – Evolução do número de estabelecimentos com tratores, do número de tratores e da média de tratores por estabelecimentos no Sudoeste paranaense (1970-1995/96).

Ano	Estabelecimentos agrícolas			Média de tratores*	
	Total	Com tratores			Tratores
		n.	%		n.
1970	50.451	346	0,69	380	1,10
1980	57.664	5.367	9,31	6.325	1,18
1995/96	47.277	7.687	16,26	9.217	1,20

Fonte: IBGE/Censos agropecuários de 1970, 1980 e 1995/96.

*A média de tratores se refere à divisão do número de máquinas pelo número de estabelecimentos que informaram possuir esses tratores.

Vejamos que, embora sendo relativamente pequeno o percentual de estabelecimentos agrícolas que possuem tratores agrícolas no Sudoeste do Paraná, há um aumento do número de estabelecimentos com este tipo de máquina e também do número de máquinas utilizadas, o que nos leva pensar que existe um constante aumento da introdução de máquinas. Em *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, Lênin (1982, p. 148) escreve que, “do emprego de máquinas resultam a concentração da produção e a aplicação da cooperação capitalista na agricultura”. Se de um lado ou num primeiro momento, a introdução de máquinas na agricultura cria uma demanda por um contingente de trabalhadores para auxiliarem na operação das máquinas, “de outro lado onde a atividade econômica já se baseia há muito tempo no trabalho assalariado, a máquina *substitui* os operários” (p. 149). O uso de máquinas e de defensivos na agricultura do Sudoeste paranaense tem tornado o trabalho mais produtivo, fator que contribui para a liberação de parte da mão-de-obra ocupada em atividades agropecuárias. Percebemos que o “esvaziamento” do campo se, por um lado, pode ser entendido a partir das mudanças técnicas ocorridas na produção agropecuária (mecanização, substituição de

culturas etc.), de outro, não pode ser entendido somente pelo crescimento das atividades econômicas não-rurais locais (na indústria, no comércio e nos serviços) como fator de atração de mão-de-obra. Mas, temos que considerar a população que o Sudoeste do Paraná tem liberado para outras regiões do estado ou do país (ver-se a tabela a seguir).

TABELA 5 – Movimento migratório de pessoas acima de 5 anos de idade no Sudoeste paranaense (1986-1991).

Pessoas acima de 5 anos de idade		
Que entraram	Que saíram	
12.862	32.860	-19.998

Fonte: IBGE/Censo demográfico de 1991.

Percebemos que nesse movimento migratório, o Sudoeste paranaense teve um decréscimo na população, pois enquanto saíram 32.860 pessoas, entraram apenas 12.862. Um saldo líquido de (menos) 19.998 habitantes. Tal fator nos faz pensar que aqueles que deixam o campo não têm como destino apenas as cidades locais, mas outras, além do Sudoeste paranaense. De acordo com Corrêa (1989), é comum que as pessoas emigrem primeiro para as cidades menores (e do interior) e depois partam para as grandes cidades. De acordo com Graziano da Silva (2003), a substituição do cultivo de alguns produtos tradicionais por culturas agrícolas com maior grau de mecanização do processo produtivo, pode reduzir postos de trabalho na agricultura. Pelos dados a seguir (tabela 6), podemos verificar no Sudoeste paranaense, a substituição da área cultivada com feijão (com menor grau de mecanização do processo) pela cultura da soja (com “alto” grau de mecanização, desde o plantio até a colheita):

TABELA 6 – Evolução da área colhida da produção e da produtividade das culturas do feijão e da soja no sudoeste paranaense (1970-2003).

Ano	Cultura agrícola					
	Feijão			Soja		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade de (t/ha)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade de (t/ha)
1970	74.932	42.120	0,56	60.345	48.111	0,80
1980	97.092	66.069	0,68	204.871	329.543	1,61
1990	78.918	32.942	0,42	227.030	435.053	1,92
2003	40.395	56.382	1,40	327.940	1.002.031	3,05

Fonte: IBGE/Censos agropecuários de 1970 e 1980 e Pesquisa Agrícola Municipal para os anos de 1990 e 2003.

Como pode ser observado na tabela 6, embora existindo um aumento da produtividade da cultura do feijão (aumentando de 0,56 toneladas por hectares em 1970 para 1,40 tonelada no ano de 2003), há uma considerável redução da área cultivada com este produto, em 1970 a área colhida foi de 74.932 hectares, enquanto em 2003 a área colhida caiu para 40.395. Já, no cultivo da soja tem-se um

considerável aumento, tanto na produtividade como na área colhida. Segundo o IBGE, podemos observar uma diminuição na mão-de-obra utilizada na agropecuária do sudoeste paranaense, tanto no que se refere ao trabalho familiar, como dos empregados permanentes e temporários (observe a tabela a seguir).

TABELA 7 – Pessoal ocupado na agropecuária no Sudoeste do Paraná (1985-1995).

Categoria	Pessoal ocupado na agropecuária			
	1985	1995	Varição (n.)	Varição (%)
Familiars	202743	144588	-58155	28,68
Empregados permanentes	6308	6249	-59	0,94
Empregados temporários	14983	6041	-8942	59,68
Outros	2964	2681	-283	9,55
Total	226998	159559	-67439	29,71

Fonte: IBGE/Censos agropecuários.

Organização: IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social.

Observamos uma diminuição de 58.155 (-28,68%) trabalhadores familiares² ocupadas na agropecuária do Sudoeste paranaense num período de dez anos (1985-1995). O percentual da redução nos empregados temporários é ainda maior (59,68%), embora que em números absolutos equivalem apenas a 8.942 postos de trabalho. Outro fator que reforça a existência da liberação de mão-de-obra ocupada na agropecuária do Sudoeste paranaense pode ser observado ao analisarmos a evolução das despesas, por itens (tabela a seguir).

TABELA 8 – Despesas no ano na agropecuária do Sudoeste paranaense (1970-1995/96).

Insumos	Despesas no ano (%)		
	1970	1980	1995/96 ³
Salários	10,16	7,13	5,28
Aubos e corretivos	0,38	11,78	9,55
Sementes e mudas	4,65	7,82	5,01
Defensivos	1,05	3,15	5,6
Rações	21,14	27,28	32,88
Serviços de empreitada	11,38	3,38	2,13
Outras despesas	51,24	39,46	39,55
Total de despesas	100,00	100,00	100,00

Fonte: IBGE/Censos agropecuários de 1970, 1980 e 1995/96.

Observamos que enquanto o percentual de despesas gastas em pagamento de salários diminuiu de 10,16% em 1970 para 4,28% em 1995/96, o percentual das despesas gastas com defensivos agrícolas aumentou de 1,05% em 1970 para 5,6% em 1995/96. Os gastos com serviços de empreitada – que segundo o IBGE refere-se ao contrato de serviços para plantio, colheita, limpeza de

² Quando nos referimos a familiares, estamos utilizando o critério do IBGE para caracterizar os responsáveis pelos estabelecimentos agropecuários e os membros não remunerados de suas famílias.

³ O período de referência para o Censo Agropecuário de 1995/96 é de 01/08/1995 a 31/07/1996.

pastagens etc. – também diminuiu consideravelmente neste período (de 11,38 para 2,13%). Em síntese, diminuiu as despesas com pagamento de salários, mas aumentou o percentual gasto em defensivos. Vejamos que alguns desses defensivos (por exemplo: os *herbicidas*), ao serem utilizados para combater as ditas “ervas daninhas”, substituem o trabalho que poderia ser realizados pelos homens (lembramos do cultivo feito à enxada ou mesmo com outras ferramentas “rudimentares” utilizadas com a tração animal, como é o caso dos arados etc.). O grupo de idade das pessoas que deixam o campo nos levam a crer que o motivo principal é a procura por ocupação, por trabalho. Se observarmos a tabela 9, verificamos que ao comparar as populações urbana e rural, o percentual da população rural de 0 a 19 anos é maior no meio rural do que no urbano: 47,26% rural contra 43,96% urbana em 1991 e 40,33% contra 39,56% em 2000. Porém, na idade entre 20 e 39 anos – onde, em geral, se encontra a maioria da população economicamente ativa – se tem o contrário, um maior percentual da população urbana: 30,49% rural contra 33,95% urbana em 1991 e 28,16% contra 32,70% em 2000:

TABELA 9 – Evolução da população urbana e rural do Sudoeste paranaense, por grupos de idade (1991-2000).

Grupos de idade (anos)	1991		2000	
	População (%)		População (%)	
	Urbana	Rural	Urbana	Rural
0 a 9	23,12	23,63	19,68	18,74
10a 19	20,84	23,24	19,88	21,59
20 a 29	18,78	17,29	16,72	13,40
30 a 39	15,17	13,20	15,98	14,76
40 a 49	9,63	9,49	11,78	12,75
50 a 59	6,01	6,87	7,57	9,15
60 ano ou mais	6,45	6,28	8,39	9,61
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: IBGE/Censo demográfico de 1991 e 2000.

Podemos observar que as pessoas que estão saindo do campo estão em grupos de idade, principalmente entre 20 e 39 anos, permanecendo nele as pessoas acima desta idade e mais em especial, acima dos 60 anos (basta verificarmos a tabela 9). Kautsky (1986), já havia apontado para esta tendência de migração das pessoas em idade para o trabalho. No campo, em geral, permanecem os idosos, os mais jovens, ainda não incorporados e incorporáveis ao mercado de trabalho ou até mesmo aqueles com menor instrução. Singer (1998), sugere que se leve em consideração o grupo que migra e não o indivíduo. Ele nos diz que as transformações que determinam a migração em determinados lugares, jamais serão apreendidas, senão pela lógica da luta entre classes. Tem-se que entender a que classe social pertencem as pessoas que saem do campo.

O papel das Transformações na Agricultura do Sudoeste do Paraná

As transformações na agricultura no Sudoeste paranaense permitiram uma maior produtividade do trabalho. Os dados que viemos utilizando neste texto sugerem que a população ocupada na agricultura vem diminuindo com a modernização propiciada pela introdução de máquinas, de defensivos agrícolas etc., que liberam parte da mão-de-obra, antes ocupada na agropecuária para outras atividades não-agrícolas. Pela tabela a seguir percebe-se que, mesmo com menos pessoas ocupadas, tem-se uma maior produção de quatro (feijão, milho, soja e trigo) das cinco culturas agrícolas analisadas (as principais do Sudoeste paranaense). Apenas o arroz diminuiu a produção, embora tenha aumentado a produtividade (observe a tabela 10).

TABELA 10 – Produção e produtividade de algumas culturas agrícolas temporárias no Sudoeste do Paraná (1970-2004).

Produto	1970			2004		
	Produção (t)	Área colhida (ha)	Produtividade (Kg/ha)	Produção (t)	Área colhida (ha)	Produtividade (Kg/ha)
Arroz	17.817	20.469	870	1.531	1.533	999
Feijão	42.120	74.932	562	48.263	34.770	1.388
Milho	443.980	246.665	1.800	1.240.565	244.921	5.065
Soja	48.111	60.345	797	867.285	361.080	2.402
Trigo	36.914	57.920	637	238.002	105.990	2.245

Fonte: IBGE/Censo agropecuário de 1970 e Pesquisa agrícola municipal de 2004⁴.

Quanto às culturas de Soja e de trigo, aumentou inclusive a área cultivada: a soja passou de 60.345 hectares em 1970 para 361.080 ha em 2004; o trigo passou de 57.920 para 105.990, neste período (observe a tabela 10). Mesmo diminuindo o pessoal ocupado na agricultura, aumentou a produção e a produtividade dos produtos agrícolas, em outras palavras, aumentou a produtividade do trabalho. Segundo o IBGE, na pecuária bovina, tem-se algo semelhante (observe a tabela 11).

TABELA 11 – Produção de leite e vacas ordenhadas do Sudoeste paranaense (1970-2003).

Ano	Vacas ordenhadas	Produção (litros)	Produtividade (litro/vaca)
1970	58.116	63.839.000	1.098
1980	73.699	95.490.000	1.296
1990	113.560	147.337.000	1.297
2003	188.254	394.751.000	2.097

Fonte: IBGE/Censos agropecuários de 1970 e 1980; Pesquisa da agropecuária municipal de 1990 e 2003⁵.

⁴ É importante se dizer que nos *Censos Agropecuários*, são pesquisados todos os estabelecimentos rurais, enquanto que nas *Pesquisas agrícolas Municipais* os dados são estimados.

⁵ Igualmente, se tem uma maior precisão dos dados dos Censos Agropecuários do que das Pesquisas da Pecuária Municipal, que assim com as pesquisas agrícolas são estimativas.

Como pode ser observado na tabela anterior, é praticamente nos últimos 13 anos (de 1990 a 2003) que se observa uma intensificação da atividade leiteira no Sudoeste paranaense, basta-nos observar que a produção de leite por animais (a produtividade) aumentou consideravelmente nesse período e, no entanto, havia se mantido praticamente constante até 1990. Aumentava-se o plantel do rebanho leiteiro, mas não se aumentava a qualidade do rebanho até 1990. Tal fator nos faz pensar que a inserção da tecnologia deve estar mudando o processo produtivo na agropecuária. Segundo Lênin (1982), a atividade leiteira é um exemplo de inversão de capital em que se consegue, de certa forma, *superar* o tamanho limitado de um estabelecimento rural para aumentar o montante da produção, pois enquanto numa criação do tipo *extensiva* de bovinos se requer uma grande área de pastagens, na atividade leiteira *intensiva*, pode-se investir em tecnologia (nos dias de hoje, em alimentação, genética etc.), sem depender apenas da extensão da área de pastagens.

Considerações Finais

Do que foi colocado até aqui, observamos que as transformações que estão ocorrendo na agricultura, ou ainda, na agropecuária do Sudoeste do Paraná, tais como a mecanização da agricultura, a substituição de culturas agrícolas com menor grau de mecanização por outras com o emprego muito maior da maquinaria, de adubação e de “defensivos”, bem como do melhoramento do gado – destacamos o leiteiro – têm surgido num contexto histórico (num período) e num território (no caso, no Sudoeste paranaense) em que observamos um processo de “esvaziamento” do campo. Nos parece que devido, principalmente, a redução das pessoas ocupadas nas atividades agropecuárias. Não teríamos segurança para afirmar que esta população liberada pelo campo estaria sendo absorvida pelas atividades não-agrícolas, pelo menos, em nível local. O que constatamos é que há liberação de parte da população do campo, devido, ao que tudo indica, as transformações ocorridas no processo produtivo na agropecuária. Agora, não podemos afirmar que disso deriva o crescimento das ocupações na indústria e nos serviços.

Bibliografia

ABRAMOVAY, Ricardo. *Transformações na vida camponesa: o sudoeste paranaense*. São Paulo, 1981. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), USP.

ALVES, Adilson F. et al. Sudoeste paranaense: colonização, estrutura fundiária e indicadores da modernização agrícola. In: RIBAS, Alexandre D., SPOSITO, Eliseu S. e SAQUET, Marcos A. *Território e desenvolvimento*. Francisco Beltrão – PR: Unioeste, 2004.

CHAYANOV, Alexander V. *La organización de la unidad económica campesina*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1974.

CORRÊA, Roberto L. *A rede urbana*. São Paulo: Ática, 1989.

GRAZIANO DA SILVA, José. *A nova dinâmica da agricultura brasileira*. 2. ed. Campinas – SP: UNICAMP. IE, 1998.

_____. *Tecnologia & agricultura familiar*. 2. ed. Porto Alegre – RS: Ed. UFRGS, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo agropecuário*. Rio de Janeiro: Ed. IBGE (vários anos).

____. *Censo demográfico*. Rio de Janeiro: Ed. IBGE (vários anos).

LÊNIN, Vladimir I. *Capitalismo e agricultura nos Estados Unidos da América: novos dados sobre as leis de desenvolvimento do capitalismo na agricultura*. São Paulo: Brasil Debates, 1980.

____. *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia: o processo de formação do mercado interno para a grande indústria*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

KAUTSKY, Karl. *A questão agrária*. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política – o processo de produção do capital*. v. 1, t. 2. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

____. *O capital: crítica da economia política – o processo global da produção capitalista*. v. 3, t. 2. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

____. *O capital: crítica da economia política – o processo de produção do capital*. Livro 1, v. 1. 21. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. O campo brasileiro no final dos anos 80. In. STÉDILE, João P. (Org.). *A questão agrária hoje*. Porto Alegre – RS: Ed. UFRGS, 2002.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RANGEL, Ignácio. *Questão agrária, industrialização e crise urbana no Brasil*. 2. ed. Porto Alegre – RS: Ed. UFRGS, 2004.

SINGER, Paul. *Economia política e urbanização*. 14. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

WACHOWICZ, Rui C. *Paraná, sudoeste: ocupação e colonização*. Curitiba – PR: Lítero-técnica, 1985.